



Gaiato

26 DE DEZEMBRO DE 1970
ANO XXVII — N.º 699 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

3

Felizes — porque firmes no conhecimento e na decisão da vontade — aqueles que invocam sobre si o Santíssimo Nome de Jesus! Felizes os indivíduos. Felizes as Instituições. Felizes os Povos.

1

O dia-a-dia é, para todos os homens, um tecido de contingência, um pedaço em que se não vê, nem, naturalmente, se antevê, o desenho completo. Porém, o homem que crê e vive da sua Fé, não vendo embora, como os restantes mortais, sabe que Aquele a quem entrega os fios do seu destino, é um Tecelão divino, Artista incomparável, o Único capaz de destrinçar as malhas que emaranhamos e fazer delas o quadro maravilhoso de uma vida de luz, de luz da Luz. Pois se até «as sombras servem para dizer que a Luz é»...!

A

Quem, na hora dos seus 31 anos, contemplar a juventude da «Obra da Rua», com a sua estranha e perseverante sedução de novidade, sa'ba que não há outra explicação a procurar senão esta, desde o princípio achada: a coincidência dos seus dias (de todos os seus dias!) com aqueles dias do tempo (que são da Eternidade!) em que ao Menino foi dado o Nome de Jesus, que significa «o Senhor é Salvação».

N

E porque o Senhor é Salvação, sem passado nem futuro — todo o que vive dEle, com Ele, nEle, torna-se, por Ele, Salvação. Ele é Único. Está escrito: «Não foi dado ao homem outro Nome em que haja Salvação». Por isso, quem vive dEle, não abriga outra ambição que não seja: «Ele a viver em si». Terá de trocar todas as pérolas que, já em suas mãos, lhe pareciam preciosas, por esta que finalmente descobriu, «quando o tempo chegou ao seu termo e Deus enviou o Seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sujeito à Lei, afim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e assim os tornar filhos adoptivos».

O

Pai Américo foi homem de uma só Fé, de uma só Esperança, de um único Amor. Homem sujeito à lei da fragilidade humana, que não hesitou em pôr nas mãos do seu Senhor, tudo quanto tinha, tudo quanto era, para resgatar os mais pequeninos, os mais desamparados e os tornar filhos de Deus — esses de quem o pecado dos homens fez imagem viva do abandono, como se Deus para eles fosse padrasto em vez de Pai.

S

A sua força foi a fraqueza dos a quem se consagrou em nome do Senhor. Nunca invocou outros títulos, outros poderes que lhe não fôssem outorgados, exclusivamente, pelos que «têm fome e sede de Justiça», pelos «que choram», pelos «que sofrem perseguição» (feita embora de passividade, de omissões).

As suas contas foram sempre ao invés da lógica dos homens. A sua vida mereceu ao Bispo que o ordenou o qualificativo afectuoso de «mistifório». E foi

SEGUE NA QUARTA PÁGINA



Os filhos de Manuel Teixeira, ora em S. Paulo — Brasil: José Carlos, João Manuel e Ana Lúcia.

Setúbal

As obras nas nossas Casas são quase uma imposição da vida. Eu estou farto de obras. Posso mesmo afirmar que quase me repugna a ideia de construir ou remodelar. Mas, num ambiente a pular de vida, como é o nosso, as obras são uma constante. Ou andamos para a frente, ou, se paramos, retrocedemos. Tenho de aceitar esta verdade tão evidente e sujeitar-me com alegria ao esforço exigido.

A nossa cozinha e o refeitório, fizeram a sua época. É

um grande fogão a lenha. Faz uma fumaça, que escurece tudo. O tecto, as paredes, o refeitório, a copa, e até a própria louça escurecem com o fumo. Não podemos viver assim. A cozinha, tem de ser banqueada, e arranjado o tecto, que apresenta uns tantos buracos. O refeitório não tem aconchego, nem elevação. Ninguém como nós tem necessidade dum e doutra. As mesas são rectangulares e de pedra mármore muito esburacada. Algumas estão partidas. O lambrim do refeitório é de azulejo branco. Um azulejo de refugo, muito partido, torto e frio. Os bancos não têm nem estética, nem comodidade, nem beleza, como convém a um ambiente jovem. A entrada não é resguardada. Não temos onde lavar e limpar as mãos, antes de comer. Impõe-se, portanto, remodelar.

Resolvi comprar um fogão novo a gaz. Mobilar a cozinha e o refeitório. Fazer mesas e cadeiras novas. Pôr um tecto novo. Fazer uma lareira na sala de jantar, onde o lume dê uma sensação de conforto familiar. Arranjar a copa. Comprar louça.

Tenho assistência técnica, tenho a nossa mão de obra, operários especializados de fora disponíveis. Tenho areia que os nossos rapazes arrancam.

SEGUE NA TERCEIRA PÁGINA

Cont. na TERCEIRA página

ÁFRICA

Uma corrida na nossa Toyota de Malanje a Luanda e um vôo de Luanda a Lourenço Marques — e eis-nos num outro mundo. O avião sobrevoou a cidade e deixou-nos ver a sua urbanização geométrica (agora já um pouco estrangulada nos limites) e grandes blocos de casas semeadas aqui e ali. Uma cidade a crescer e a querer ser grande, com aspirações a ter também sua praia linda.

Há vida. Há interesse. Há luta. Há promoção. Há aspirações. Instalam-se novas indústrias. Constroem-se grandes edifícios para fábricas e armazéns. Só é pena que a agricultura não acompanhe. Há muitos modos de vida atrofiados.

Com amargura ouvimos, sentimos e dizemos que para uma grande parte da classe promovida a grande aspiração é uma vida «à sul-africana». A África do

Sul está em todas as suas conversas.

Quem fez da África do Sul uma nação progressiva, rica, próspera, organizada, a dizer ao mundo todo que é capaz de ser grande?

O esforço dos próprios habitantes.

Quem tem feito de Moçambique aquilo que muitos dizem que é?

O desinteresse, o egoísmo, a falta de amor daqueles que só têm pensado e pensam em si próprios e que não provam o amor à terra.

Não é com valores negativos que uma Província ou uma Nação podem prosperar. A Casa do Gaiato de Lourenço Marques

é uma presença positiva. Está a crescer. Da estrada de Marracuene avista-se ao longe a nossa «Aldeia». Estão oficinas de carpintaria e serralharia a trabalhar. O edificio da escola, com suas quatro salas, tem dois professores com muitos alunos. A primeira casa para dormitório dos Rapazes, está a receber o telhado. A Casa-mãe levanta-se dos alicerces.

A quinta, que tem dado muitas dores de cabeça ao nosso Padre José Maria, está drenada. O terreno é pantanoso e salgado. As culturas são muito pobres e não com-

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

Já há muito que não estou presente nestas colunas. Aqui volto, porém, para vos dar notícias, ao findar o ano de 1970.

Nova Casa-Mãe — A sua inauguração, em 23 de Outubro, foi o facto mais notável deste ano. Ficámos com instalações dignas. Assim as sabemos merecer. A festa que assinalou a sua entrada ao serviço foi simples mas expressiva, como autêntica festa de família.

Obras — Temos novas salas de estudo e estão a preparar-se as salas de jogos e de convívio para os mais velhos. O Snr. Padre já disse que se tivesse um auxílio especial, mobilava-nos as referidas salas a preceito. Quem vem por nós?

Dentro em breve vamos começar com uma casa para 50 Rapazes. Enquanto as oficinas novas irão também caminhar em frente.

Conferência — Recomeçou com entusiasmo. Os grandes beneficiados somos nós. Queira Deus que a vontade não desfaleça nos confrades.

Estudantes — De ano para ano o seu número tende a aumentar. Enquanto aguardamos a criação de escolas em Loures, vamos indo aos

estabelecimentos de ensino de Lisboa. Isto prejudica-nos, mas não há outro remédio. Vamos a ver se não há «raposas» no fim do ano.

Campo — Após uma seca prolongada, que muito prejudicou os trabalhos do campo, começaram as sementeiras. A azeitona já está toda apanhada e transformada em azeite. Temos comido laranjas a todas as refeições, provenientes das nossas árvores.

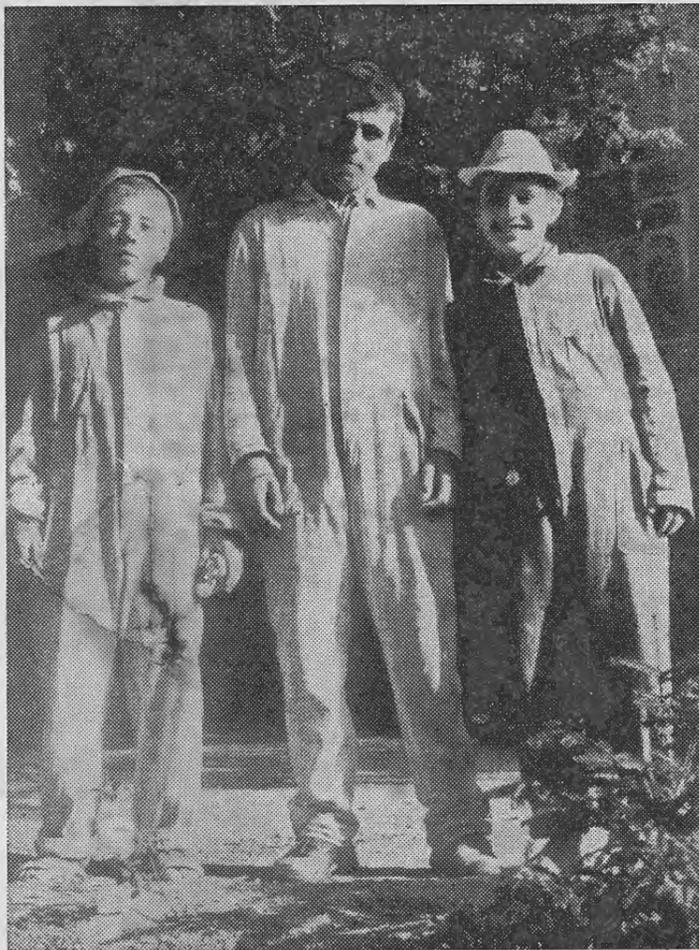
Vitaminas — Seria com muito agrado que as receberíamos. Quase todos nós precisamos delas.

Sapatos e guarda-chuvas — Numa Casa de 100 Rapazes, muito são precisos, sobretudo nesta época, novos ou velhos. Sapatos para Rapazes entre 6 e 14 anos são os mais úteis.

Recado do último cronista — Diz que não veio nenhuma máquina de aspirar ou qualquer enceradeira para a nossa casa-mãe, usadas ou não... Por isso vai pôr o sapato na chaminé...

Agradecimento e votos — Bem hajam por tudo. Se só Deus retribui o bem que se faz, nós não queremos ser ingratos. Desejo em nome de todos, muito Boas-Festas e um ano Novo cheio de graças.

Xavier



Rosas, «Vintém» e «Sineta» — de Paço de Sousa. Uma paragem no trabalho (são trolhas) e um sorriso para a objectiva.

Paço de Sousa

Biblioteca — Estamos a concretizar aos poucos o que já era sonho da maior parte da nossa família, cá em Paço de Sousa. Ter alguma coisa de proveito para passar as escassas horas de descanso. Assim, catalogamos livros proveitosos para a nossa formação intelectual e moral. Já temos bastantes volumes, é certo, mas como disse o meu colega na última edição, ainda não bastam para satisfazer a curiosidade e o apetite da nossa malta. Por isso, leitor amigo, se tiver alguns livros que não façam falta, tenha a bondade de no-los oferecer. Terão lugar na nossa biblioteca e serão úteis a todos nós. Precisamos de livros úteis e são.

Novos irmãos — A nossa família vai aumentando com caras novas. Vêm para o seu e nosso Lar. Pois, como é de calcular, não o tinham ou, se o tinham, era um lar destruído, onde cada um puxa para o seu lado e os outros que se ajitem. Outros ainda, não chegam a ser lares; são como os animais que geram e só tiveram o sofrimento na hora do parto e nada mais. Mas... até os animais têm mais amor aos seus rebentos do que muitas vezes o próprio animal racional, que é o homem!

Essas caras novas procuram carinho e amor. Era isso que a cada um de nós faltava. E ainda falta a tantos irmãos nossos espalhados pelo mundo!

Natal — Estamos em vésperas de Natal, Festa do Nascimento do nosso Salvador, à qual também podemos chamar Festa da Família.

Nesse dia, recordamos que uma Virgem deu à luz numa pequena gruta e numa manjedoura, o Rei dos reis, que Se fez pobre para exemplo dos homens.

Leitores amigos, em nome da Comunidade de Paço de Sousa, desejamos que passeis um Santo Natal e que entreis com o pé direito no Ano Novo que se aproxima.

Manuel dos Santos

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Natal — Não é possível dar já uma descrição — ainda que sumária — da nossa confraternização com os Pobres, em vésperas do grande Dia, porque a edição do **Famoso** é preparada, sempre, com uma quinzena de antecedência.

Essa confraternização é o nosso Natal. O verdadeiro Presépio do século. Como «instrumentos inúteis» compartilhamos nela o conforto do Senhor — na pessoa dos Pobres. E como Festa de Família, vamos até outros que, na paróquia — padecendo inerecido subdesenvolvimento — não são visitas assíduas de cada um de nós.

O QUE RECEBEMOS — Alguns leitores acorrem — com interesse — às necessidades prementes dos que sofrem. Migalhas duns e doutros são, não há dúvida, um fiozinho que brota do Coração de Jesus, macerado pela miséria dos Pobres.

Temos verdadeiros casos de heroísmo, nesta coluna. Um é da Leonor, já conhecida doutras vezes, e presente de novo com 50\$00. Uma avaliação material desta nota — multiplicada por milhões — profanaria a intenção e a discreção. Podemos dizer, todavia, que vale uma Eternidade. É motivada pela fé, pela oração — pelo calvário dessa Pobre.

A **procição** continua com 100\$00 do Porto, em vale do correio. Mais «uma encomenda», de Ordins, solicitada por «uma senhora de Inglaterra que mandou dinheiro». Chegou no momento oportuno! Mais 20\$00, presença habitual da assinante 17022. E outra encomenda de roupas, com uma vale de 100\$00, provenientes da rua José Lins do Rego — Lisboa. Outra vez, da Invicta, «20\$00, porque desta vez estamos perto do Natal». E ainda mais 50\$00 da capital do Norte, pela mão de velho discípulo! Retribuo os votos expressos. E lembro, com saudade, a nossa Escola na rua das Taipas. E toda aquela grande família de amigos. Quanto mais os anos voam — mais perto estamos uns dos outros!

Finalmente, nova presença de Lisboa:

«... Envio 100\$00 para a Conferência de Paço de Sousa e... desculpem ser pouco. Somos dois velhos e bastante doentes, vivendo da reforma. Mas com a ajuda de Deus ainda se vai tirando a migalhinha, pois os velhos já pouco comem. Deus seja louvado. E abençoe os meus entes queridos.»

É mais um quadro de Eternidade. Deus seja louvado!

Julio Mendes

DOCTRINA

Nos nossos tempos, as novas condições de vida trazem os homens a uma renovação de ideias e de processos, que é, afinal, um regresso ao Evangelho.

Nos Colóquios, Seminários, Semanas de Estudo, em que vamos abundando (graças a Deus, se tudo não ficar em palavras!) sobre problemas escaldantes da vida do nosso Povo, os temas de «comunitarismo», «associativismo», de que «a riqueza individual continua a ser pobreza, mantendo-se na miséria o ambiente em que se vive» são tratados com desassombro e entusiasmo — novidade também para os homens de 40 a 50 anos.

A proverbial suspeição, senão mesmo hostilidade, entre oficiais do mesmo ofício, vai dando lugar à re-descoberta de um outro provérbio mais antigo e, esse sim, verdadeiro, de que «a união faz a força». O jul-

gamento mesquinho de que a má colheita do vizinho, valorizando a minha, me ajudará a prosperar, é um erro que os factos da vida dos nossos dias vão denunciando, pois as economias mais sãs nos ensinam que é na prosperidade comunitária que os membros da comunidade encontrarão os fundamentos autênticos do seu bem-estar presente, da sua segurança futura.

Mas era assim, **naquele tempo...**! Leiamos os **Actos dos Apóstolos**: «Um só coração, uma só alma — eis o princípio vital da multidão dos fiéis. Nem algum que possuísse de seu, reclamava a sua posse; antes: tudo era em comum para eles. E assim, com este grande argumento, testemunhavam os Apóstolos a ressurreição de Jesus, o Senhor: e a Graça abundava em todos eles. Porque, nem entre eles havia o indigente. Os possuidores de campos ou de casas iam vendendo os seus bens e traziam o preço aos Apóstolos. Tudo era dividido por cada um conforme à necessidade de cada qual», «... e todos tomavam o seu alimento alegremente, com

simplicidade de coração, louvando a Deus e atraíndo a Graça para todo o Povo.»

Os **acidentes** desta actuação podem ter evoluído — e com certeza evoluíram! — ao longo destes vinte séculos. Mas a **essência** conserva imutável a potência para o acto. Fossem os homens de hoje do mesmo Espírito; pusessem-no, diversamente quanto ao modo, a animar o corpo vivo que deve ser a comunidade humana — e veríamos os resultados, iguais aos daquele tempo: Não apenas os resultados materiais, como talvez tenha acontecido entre certos povos, onde a miséria não existe e a percentagem do desespero e das loucuras é das maiores; mas os resultados formais, aqueles que só de uma comunidade, não apenas estruturada na Justiça mas vivificada pelo amor, podem irradiar e irradiariam em alegria de viver.

Quem dera que os Colóquios, Seminários, Semanas de Estudo não fiquem só em palavras, ou na epiderme material de problemas que tocam profundamente o Homem!

Apesar de ocupados com as filhós e outros mimos do Natal, os nossos leitores não perderam a oportunidade de apregoar aos quatro ventos os objectivos da Campanha!

Postado na máquina de escrever estou com os meus olhos no Manelzito e no Cícero debruçados sobre maços e maços de jornais da última edição, prontos a seguir pró correio. As caras, os sorrisos, o interesse dum e doutro, na expedição do Famoso, são um quadro vivo! Um incentivo para o amoro trabalho que dedicais à expansão do nosso Jornal.

● UM APELO

Antes de principiarmos a descrição do movimento nesta quinzena, somos forçados a lançar urgente apelo a um leitor de Lisboa, cujo postal passamos a transcrever:

«Quería que me aceitassem como vosso assinante de O GAIATO para o que, em vale postal registado, envio 50\$00.

«Nada de nomes no vosso Jornal, nem agradecimentos, umas orações fazem-nos melhor.

«Lamento não ter há mais tempo realizado o quanto a vossa Obra é merecedora de toda a nossa estima, veneração e auxílio.

«Que Deus nos guarde...»

O nosso amigo lisboeta tenha a bondade de nos desculpar; mas, como não revela a sua identificação, ainda não conseguimos descortinar o vale — apesar de todos os malabarismos de informática doméstica. Aguardamos, por isso, o obséquio de quebrar o anonimato para que — sem ferir a sua modéstia — possa receber desde já o nosso Jornal.

● «JÁ SOU MUITO VELHOTA...»

Não há dúvida que a terceira idade, nesta procissão, tem dado cartas. E feito um trabalho estupendo. Para o quê, ouçamos esta caminheira de S. Paio de Oleiros:



Cont. da PRIMEIRA página

Tenho preços baixos em materiais. Tenho a boa vontade de muita gente.

Começamos amanhã. Tudo e com tudo o que tenho, vai custar-me mais de cem mil escudos. Eu não faço orçamentos. Não estou habituado, e isso perturbar-me-ia. Confio. Assim não podemos continuar a viver. Aqui está a força para fazer a obra. Não te esqueças de nós.

Padre Acílio

CAMPAÑA DE ASSINATURAS

«Rogo a fineza, tomarem como assinante do Famoso M. B. Esta é das boas. Logo que lhe pedi me disse que sim, apesar da sua neta também o receber. Quanto ao pagamento, que me encarregava a mim de o fazer. E eu aproveito a sugestão daquela pessoa de África, para melhor lembrar ser o princípio de Janeiro. O pior é se eu morro, pois já sou muito velhota... Mas se tal acontecer, podem fazer a cobrança pelo correio.»

Se «esta (assinante) é das boas» e «disse que sim», sossegue; quando Deus a resolver chamar, ela, com certeza, não esquecerá o compromisso.

● MÃOS CALEJADAS

Ali para Rio Tinto há mãos calejadas que têm feito maravilhas! Aqui está mais um dos seus frutos:

«Amiguinhos: «Falei com uma colega de trabalho, aonde essa me deu o vosso famoso Jornal a ler. Gostei e admirei-o. Querem vocês mandar-mo? Ai vai a minha direcção...»

Já foi. É mais um naco de fermento são naquele meio fabril. Como seria bom que os empresários — e os técnicos — acima de todos os métodos, soubessem olhar o Homem! Mas é tão difícil...

● «MÃE COM 5 FILHOS»

De Coimbra, uma carta com divisas traz expressiva legenda:

«Um dos seus mocinhos veio à minha porta vender-me um jornal. Comprei e entusiasmei-me com a sua leitura.

«Sou uma mãe muito ocupada, com 5 filhos e pouco pessoal. Por isso, leio pouco. Mas o seu jornalzinho... já o li e reli várias vezes.

«Agradeço que me façam assinante e me informem como hei-de pagá-lo todos os meses.

«Desculpe o papel. Recorri ao do meu marido, só para não demorar mais dias a escrever-lhe...»

Estas inscrições espontâneas são deliciosas!

● PORTO E LISBOA

Continuamos a registar novos leitores do Porto e de Lisboa. Há, mesmo, um grupo de amigos que não perde ocasião de entusiasmar amigos seus! Presenças que muito nos confortam. Até como incentivo para outros que não se decidiram ainda a partilhar do interesse que devotam ao Famoso.

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Registamos nova presença da Areosa (Porto). Um postal cuja legenda, por discreção e delicadeza, não transcrevemos. Só aquele «mandem com urgência» — anotado à margem — esclarece o entusiasmo extraordinário desta leitora. E não vai ficar só por aqui, pois não?

De Aveiro, um correspondente esclarece que tem «feito alguns esforços para colaborar na Campanha de assinaturas»; porém, frisa mais adiante: «ao

fim de muito tempo só consegui arranjar duas». Digna de nota a generalizada insatisfação de mais e mais! Sobretudo porque mentalizados pelo escrúpulo da eficácia. Realmente, que vantagens colheríamos em forçar a opinião dos outros? Esta caminhada, além de tudo o mais, beneficia do criterioso cuidado de cada um dos seus peregrinos.

Mais caras novas de Redondo. É Alentejo! E de Gaia, Travanca de S. Tomé (Carregal do Sal), Águeda, Loures, Avelar e Setúbal. Aqui são homens de leis!

A hora em que transmito aos nossos leitores a notícia do que nos vão dando, é uma hora de gozo espiritual. Se há uma natural alegria de receber quando nos chega às mãos, em Casa, na rua, na Catedral, ou em qualquer lado, ao rever o quanto recebemos, que ocorre a todas as necessidades de mais um mês; ao imaginar que podia não ter vindo ou vir muito menos e acarretar-nos preocupações graves, para além daquelas, já pesadas e inseparáveis do nosso trabalho, apetece-me pôr de joelhos e, de mãos postas, dar graças a Deus. Porque, mais que aos passarinhos do céu e aos lírios do campo, Ele cuida destes seus filhos. Há presenças habituais, como

Africa

Cont. da PRIMEIRA página

pensam. O gado está sujeito a epidemias.

O grande valor da nossa aldeia são os quarenta e dois rapazes que já a compõem. Do pequenino grupo fundador chegámos a este número. E quantos aflitos nos batem à porta todos os dias e recebem nosso não muito triste!

Outro grande valor da nossa vida é o trabalho. Trabalham connosco muitas dezenas de homens e mulheres. Ganham o pão e vamo-los ajudando na educação e educação de seus filhos. A toda a hora nos batem à porta a pedir medicamentos. Muitos habitantes de Moçambique deram conta da nossa presença logo de princípio e têm-nos dado a mão. As autoridades têm-se alheado um pouco da nossa vida.

Não queremos ser «velhos do Restelo». Queremos antes ser elos a ligar uma sociedade que deve procurar ser feliz.

Padre Horácio

● ALÉM MAR E ESTRANGEIRO

Apesar de ligeira paragem noutros quadrantes, em Nacala trabalha-se a sério. Aqui está, de novo, expressando entusiasmo, um sacerdote enamorado do Famoso e muito dedicado às suas ovelhas:

«Tem este aero o fim de pedir para enviar o Jornal para o Sr... É mais um simpaticante que vai manifestar a sua generosidade para com a Obra.

«O que me der enviarei a Lourenço Marques para o Padre José Maria.

«Agradeço que esta assinatura chegue depressa. Obrigado...»

Que todos os moçambicanos — leitores do Famoso — descubram o caminho do Infulene, nos arredores de Lourenço Marques!

Finalmente, duas presenças da América do Norte. Uma de Chicopee, e outra de Stoughton, Mass. Onde nós ficamos!

Júlio Mendes

Lourenço Marques

da Fasol, Sena Sugar, Fábrica da Matola, Saboeiras, Incomati, Entrepasto, Empregados da Permar, Cajuea. Ainda de Cruz da Beira que devotadamente, há tantos anos, sempre está connosco. E agora um Eng. Meteorologista, a Casa Bernina, aquela Senhora que dá uns tantos por cento do seu ordenado. Temos também alguns subscritores que o Ezequiel e o Rafael vão receber mensalmente: é quase mil e quinhentos escudos. Destes já sabemos sem conhecer, mas Deus também sabe e conhece.

De muitos outros só Ele sabe. Aqui vão duzentos escudos por os filhos terem passado nos exames. A Cruz Vermelha com mais um saco de açúcar. Uma anónima de S. A. E. com cem pela mãe de Florêncio, nosso amigo que tomou à sua conta a montagem da cabine eléctrica e das oficinas. Roupas, calçado, móveis e artigos eléctricos (estamos quase com luz) de variadas procedências; até da Beira, Do Jaimito 50\$ na Shell. Cinco mil do Banco de Crédito. Alguém na Fazenda com 500\$ para assinatura, mas não deu o nome. Anda por lá um mealheiro. Com pêsinhos se fazem monumentos. O cimento também é pó. Mil ao Ezequiel na Praça 7 de Março. Dois mil por alma dum amigo, mais cinquenta e mais quinhentos que não foram para flores mas para pão no dia do funeral. Igual de Judite. Outro tanto dum agente da Polícia de Trânsito em cumprimento duma promessa e cem de quem o acompanhava. Um relógio de pulso de estimação. Sessenta litros de tinta na Robi'allac. Dez mil de quem não pode também dar um abraço aos nossos como gostaria. Senhora que nos visita, cem e várias vezes deixa na Catedral 50 mais 50. Sra. Dra. da Casa Universitária cem e

um fraque novo de quem o acompanhava. Mais 50\$ nas minhas mãos indignas e 800\$ em acção de graças pela recuperação duma filhinha com meningite. A um vendedor 150\$ de D. Rosa. Do amigo de sempre 1.500\$ para cimento. Dum sócio de A. Teixeira 500\$ e mais de outras vezes e outros modos.

Dulce da Beira com mil para o Património dos Pobres. Igual numa visita relâmpago dum Secretário Provincial. 400\$ mais 500\$ para assinatura do GAIATO.

Mais um «vim de propósito para o cumprimentar e deixar-lhe uma pequena lembrança do fruto do meu aumento de ordenado do primeiro mês. Nunca dei nada materialmente, mas não o esquecia nas minhas orações — um amigo da Casa do Gaiato.» Quantas almas escondidas não pedem a Deus por nós, para que a gente não perca a coragem nem o equilíbrio. Segredo de almas guardado em Deus. Mais 50\$ duma promessa da avó. Um pancadaria de latas de farinha com chocolate para melhorar o café dos rapazes, oferecida pela Sociedade Colonial. De Valane cem. Da Associação dos Empregados do B. N. U. 1.500\$, mais muitas atenções que lhes devemos. E a Deus quanto devemos todos!

Padre José Maria

Visado pela
Comissão de Censura



TRIBUNA de Coimbra

Regressei ao meu ninho, depois de três meses e meio por terras do Ultramar, em contacto com corações irmãos. Pareceram-me longos estes meses e compreendi melhor as prisões da vida. O nosso ninho é o nosso tesouro; e onde está o tesouro aí está o coração.

Trouxe comigo recordações que já mais esquecerei. A maior recordação é a certeza de que a Obra da Rua é uma obra apaixonante e de apaixonados. Quem teve o dom de a conhecer, deixou-se apaixonar para sempre. As nossas Casas do Gaiato de Malanje e de Benguela, com sete anos de vida e já aldeias grandes, são fruto de apaixonados. Sente-se e vê-se a paixão de quem ama e constroi. A Casa do Gaiato de Lourenço Marques, que completou agora três anos, é fruto do mesmo.

Os descrentes, os vãos, os instalados, perguntam como é possível fazer-se tudo sem verbas, sem orçamentos, sem capital. Estas obras são fonte de confiança. Não há previsões. O caminho é remar e lançar a rede, com a convicção de que o Senhor vai na barca.

Outra grande recordação é a presença de filhos da Obra por toda a parte. Quando chegamos estão eles a acenar ao longe com a mulher e filhos ao pé. E são abraços longos e muito apertados e são beijos e são lágrimas de alegria e perguntas

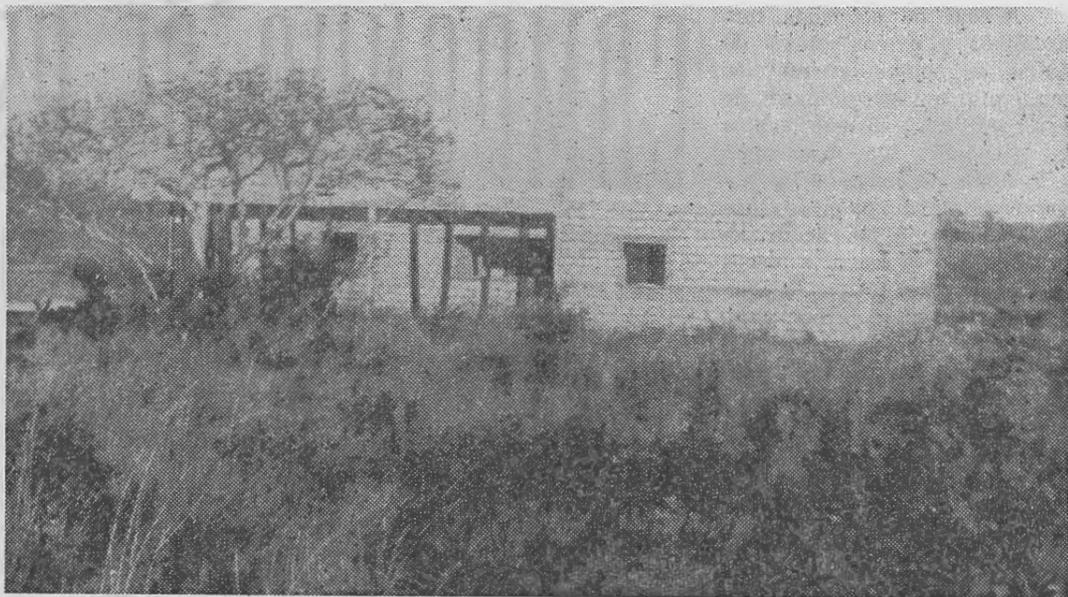
por todos e por tudo, e venha no meu carro e quando é que vai a minha casa. O Tónio andou 120 quilómetros para me levar a jantar em sua casa. Vim cheinho de mimos destes nossos filhos.

Não fui para gozar férias, mas para dar aos nossos Padres do Ultramar uns diñhas de descanso. Contudo regressei com mais saúde e melhor disposição para nova etapa da vida que me espera. A construção da Casa para Lar em Coimbra consumiu-me as melhores energias. Agora espera-me a ampliação das instalações da Casa-mãe de Miranda do Corvo, que tem capacidade para cinquenta e actualmente já são cento e dez rapazes.

Não quero, nem devo, dizer mal de ninguém. Mas invejei a colaboração da gente de Malanje, de Benguela e Lobito e um pouco de Lourenço Marques. Se a população do Centro, especialmente de Coimbra, nos der a mão como deu na parte final da construção do Lar, teremos a primeira Casa do Gaiato com instalações à altura de todas as outras Casas que vieram depois. Eis o programa que agora me absorve. Ajudai-me a realizá-lo.

Os nossos votos de Boas Festas para todos.

Padre Horácio



Uma habitação da nossa Casa do Gaiato de Lourenço Marques — vista do poente.

31 ANOS

TEM DA PRIMEIRA PÁGINA

«mistifório» até ao fim — e nisso consistiu a sua glória, a sua eficiência, a riqueza do património espiritual que nos legou.

Trinta e um anos depois, num mundo em mutação, não queremos mudar de princípios. O Decálogo, o Sermão da Montanha, a loucura da Cruz são os valores perenes de que emana a nossa juventude, a alegria da nossa juventude, posto nós, pobres suportes humanos da Obra, envelheçamos e cansemos na paixão do dia-a-dia

tecido de contingência e de contradição.

Tampouco queremos mudar de métodos: Amar, amar até ao fim, «queimados interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra». «O Técnico é aquele que ama» — definiu Pai Américo. Como pode ser outra a nossa técnica, senão amar, amar com toda a pobreza e todos os riscos do nosso coração? e esperar, do «coração contrito e humilhado», a frutificação que só a fecundidade da Graça pode produzir!

Trinta e um anos depois, muito aconchegados a Pai Américo, de alma em frente à grande aventura a que o Senhor nos chamou — firmamo-nos na Fé, revigoramos na Esperança a nossa decisão; e, por Ele, com Ele, nEle, iremos aonde Ele nos conduzir, bendizendo o Seu Santíssimo Nome.

Cartas

«Estimados Amigos:

Não fosse a agradável redacção do vosso postal e sentir-me-ia envergonhado por ser necessária uma advertência para me lembrar uma obrigação. Não vejam nesta minha atitude menos consideração ou falta de interesse por vós, pois estes atrasos são-me quase impostos por uma actividade profissional que me obriga a frequentes ausências, além de outros compromissos que me tomam o pouco tempo de que posso dispôr.»

A GENTE ESQUECE-SE

«Caros Amigos

Vós tendes razão.

Mas a gente esquece-se. O tempo passa. Fazeis bem avisar.

Aqui vai (500\$00) para as contas em atraso até ao fim de 70. Está bem?

Desculpai!»

Aqui Lisboa

Por PADRE LUÍS

primeira casa exclusivamente habitacional, para 50 Rapazes. O primeiro desejo depende essencialmente de nós; quanto ao último, para sua concretização, têm grande peso o sentido do colectivo e a generosidade dos nossos Amigos. Que Deus nos ajude a todos, de forma que nem Vós nem nós enjeteamos as responsabilidades que nos cabem e saibamos unir as mãos.

Ao terminar o último escrito de 1970 para O GAIATO, que pretendemos à laia de desabafo em intimidade de sentimentos e união de espíritos, aqui ficam registados a gratidão mais profunda pela Vossa amizade e os melhores votos de felicidades. Que o Menino Deus envie sobre Todos o Seu Espírito consolador e que o novo ano seja efectivamente um ano de Paz para toda a Humanidade, fundada na Justiça, na Verdade, na Liberdade e no Amor.

O tempo, na sua marcha irreversível, é chegado ao fim de 1970, enquanto novo ano aponta. As desilusões e aos objectivos frustrados contrapõem-se já novos anseios e esperanças. A vida, com os seus altos e baixos, fracassos e êxitos, alegrias e tristezas, continua exuberante e múltipla das situações de sempre. É a altura de agradecermos particularmente à Providência o bem recebido e de pedirmos perdão das infidelidades havidas, ao mesmo tempo que colocamos nEle todos os desejos e esperanças. Que os erros cometidos e as lições recebidas não tenham sido em vão, ao serviço duma Causa cujo Ideal urge ser constantemente renovado, com fé e perseverança, numa autêntica e verdadeira permeabilidade de pobres de espírito às noções vindas do Alto, removendo todos os escolhos de monta que se nos deparem e

em que o orgulho ocupa o primeiro lugar.

Se nos perguntarem por alguns factos ou acontecimentos mais dolorosos ou alegres, no âmbito da responsabilidade directa desta Casa do Gaiato e no decurso do ano ora a findar, apontaríamos dois de cada faceta. Quanto aos negativos, diríamos situar-se o primeiro nas nossas próprias limitações pessoais, que sempre nos acompanham, como obstáculo a uma maior eficácia da acção; o segundo foi o ritmo lento, arrastado e enervante, das obras de edificação da nova casa-mãe, por míngua de recursos. Relativamente aos momentos mais felizes, poremos à frente, pela sua importância e projecção na própria vida in-

terna da Casa, as eleições do chefe da Comunidade. E, logo a seguir, como é óbvio, a entrada ao serviço, em 23 de Outubro, da referida Casa-mãe. As eleições, pelo seu tom de seriedade e pela lisura como decorreram, deram-nos uma expressão consciente, e por isso autêntica, da vontade dos Eleitores, permitindo ao responsável a paz de espírito, a liberdade de acção e a força de ânimo indispensáveis para quem procura comandar servindo. A nova casa-mãe foi a concretização dum sonho, que nos precede no tempo de permanência nesta Casa. E, para falar em linguagem hoje em moda, uma espécie de «doping» para a longa caminhada ainda a percorrer no sentido de pôr à dis-

posição dos que chegam até nós, condições materiais propícias a uma válida e capaz acção educativa e de formação integral.

Quanto ao ano que se segue, entre aquilo que mais ambicionamos conseguir no campo da nossa intervenção directa, pomos dois propósitos: comprometer cada vez mais e, tanto quanto possível melhor, toda a nossa vida, ao serviço daqueles por quem a Obra é em primeiro lugar, procurando, como Pai Américo, «fazer de cada Rapaz um Homem» e «transformar os pequenos maltrapilhos em Homens de bem.» («A nossa Obra não é dos escolhidos. É dos rejeitados»); em segundo lugar, erguer durante o ano de 71 a



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE